



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 10 – Nº 21 - Janeiro - Julho 2015

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

ESTIMULAÇÃO PRECOCE: CONTRIBUIÇÃO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)

Autoras:

PERUZZOLO, Sandra Regina¹

COSTA, Gisele M. Tonin da²

¹ Pedagoga, Capacitada em Recursos Humanos para atuar com Deficiência Intelectual, pós graduada em Educação Especial, com ênfase em Deficiência Intelectual. Monitora da Educação Infantil (Maternal) do Centro de Educação IDEAU- Colégio Santa Clara. Residente na Rua Afonso Tochetto, 67, aptº 01. Bairro Santo André, Getúlio Vargas-RS. CEP: 99900-000. sandrap@itake.com.br sandra-peruzzolo@ideau.com.br

² Orientadora. Pedagoga, Especialista em Planejamento e Gestão da Educação, Mestre em Educação. Coordenadora do Curso de Pedagogia e Psicologia, professora de cursos graduação e pós-graduação da Faculdade IDEAU. Endereço: Rua Jacob Gremmelmaier, 636/401. Bairro Centro, Getúlio Vargas-RS. Cep: 99900-000. gisele@centereletronica.com.br

ESTIMULAÇÃO PRECOCE: CONTRIBUIÇÃO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)

“A principal finalidade da Educação é o pleno desenvolvimento do ser humano o em sua dimensão social. Define-se como sendo o veículo das culturas e dos valores, como construção de um espaço de socialização e consolidador de um projeto comum. A educação tem como missão permitir a todos, sem exceção, a frutificação dos talentos e da capacidade de criação, o que implica a responsabilização individual por si mesmo e a realização de seu próprio projeto pessoal” (DELORS, 1996, apud ZABALA & ARNAU, 2010, p.60).

Resumo: A Deficiência intelectual passa atualmente por grandes e significativas mudanças. Já não é mais vista como algo intransponível e insuperável como ocorria há alguns anos atrás. Atualmente, o deficiente intelectual conta, além do apoio familiar e social, escolar e constitucional, de um grande número de profissionais para auxiliá-lo a vencer as barreiras impostas pelas suas limitações. Estas por sua vez podem representar não apenas a questão física, mas também, a afetiva, a emocional e cognitiva. E todas essas áreas, graças aos importantes avanços científicos, têm na estimulação precoce inscríveis possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem. Com especial destaque para a neuroplasticidade, que abriu um vasto leque de probabilidades, um avanço importantíssimo da ciência, capaz de mudar os rumos da deficiência em todas as questões que a envolvem. Portanto, esses dois fatores aliados (estimulação precoce e neuroplasticidade) vêm para fazer com que o deficiente evolua, cresça e garanta um direito que lhe é vital e inegável, a garantia do seu pleno desenvolvimento.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Estimulação Precoce. Aprendizagem.

Abstract: The Intellectual disability is currently undergoing major and significant changes. It is no longer seen as insurmountable and unsurpassable as occurred a few years ago. Currently, the intellectual disable person has as well as his family and social, education and constitutional support, of a large number of professionals to help him overcomes the barriers imposed by his limitations. These, on the other hand, can represent not only a physical issue, but also affective, emotional and cognitive. And all these areas, thanks to the important scientific advances, have in the early stimulation, possibilities of learning and development. With special emphasis on neuroplasticity, which opened a wide range of probabilities, a major forward step in science, able to change the directions of disability in all the issues surrounding it. Therefore, these two factors combined (early stimulation and neuroplasticity) come to cause the disable person to evolve, grow and ensure a right which is vital and undeniable, guaranteed his full development.

Key words: Intellectual Disability. Early Stimulation. Learning.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Indiscutivelmente, sabe-se o quanto os primeiros anos de vida de uma criança são decisivos para o seu pleno desenvolvimento, quer seja cognitivo, afetivo, social ou emocional.

“As experiências precoces são de grande importância, pois devem proporcionar condições de desenvolvimento que valorizem a independência corporal e a maturidade emocional” (FONSECA, 1995, p.9).

Percebe-se que com relação à criança com deficiência intelectual isso passa a ser imprescindível. Atualmente, os programas de estimulação precoce desenvolvidos pela educação especial têm mostrado resultados muito significativos, indicando conhecimentos precisos, sobre tudo em relação à conceituação, abrangência, termos correlatos, técnicas e procedimentos de avaliação, como também à organização de programas e currículos pertinentes. Merecendo destaque a descoberta da neuroplasticidade. Ou seja, a capacidade de regeneração das células nervosas que até pouco tempo atrás se pensava ser imutável após seu desenvolvimento. Hoje, já se sabe que as conexões sinápticas são modificadas pela demanda funcional.

Essas e outras considerações mostram que a implantação de tais programas no Brasil bem como seu aperfeiçoamento constitui um investimento social e humano altamente produtivo, uma vez que os esforços se dirigem à prevenção das deficiências ou à diminuição de seu agravamento. Os benefícios previstos abrangem não somente a população de crianças com necessidades especiais, para as quais sua aplicação é imprescindível, mas também a todo contingente demográfico infantil considerado vulnerável à aquisição de deficiências.

Dessa forma, objetivando perceber a importância e apontar possibilidades de estratégias de estimulação precoce que contribuam de forma efetiva no desenvolvimento e aprendizagem do deficiente intelectual justifica-se a pertinência da respectiva pesquisa.

2 APROFUNDANDO A CONCEPÇÃO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, OBSERVANDO A EVOLUÇÃO DESSE CONCEITO

Segundo o conceito da Associação Americana de Deficiência mental, trata-se de um funcionamento intelectual inferior a média (QI), associado a limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades (comunicação, autocuidado, vida no lar, adaptação social, saúde e segurança, uso de recursos da comunidade, determinação, funções acadêmicas, lazer e trabalho), com início antes dos 18 anos.

O simpósio **INTELLECTUAL DISABILITY: PROGRAMS, POLICIES, AND PLANNING FOR THE FUTURE** da Organização das Nações Unidas – ONU, em 1995, altera o termo deficiência mental para deficiência intelectual, objetivando diferenciar mais claramente a deficiência mental da doença mental como por exemplo: os quadros psiquiátricos não necessariamente associados a déficit intelectual.

Entretanto, a história nos mostra, o quanto cruel foi à longa caminhada rumo ao progresso, ao avanço, não apenas, no que se refere à terminologia, mas também, no campo familiar e social. Na Grécia, por exemplo, as crianças com deficiências físicas ou mentais eram consideradas subumanas, o que legitimava sua eliminação ou abandono. Tal prática era perfeitamente coerente com os ideais atléticos e clássicos, que serviam de base a sua organização.

A inquisição católica sacrificou como hereges ou endemoniados centenas de milhares de pessoas, entre loucos, adivinhos e deficientes mentais ou amentes, embora seja escassa a documentação disponível e segura que fundamenta acusação tamanha.

Os deficientes começam a escapar do abandono, através da doutrina cristã, pois eles passam a ser vistos como donos de uma alma e tornando-se assim, filhos de Deus, como os demais seres humanos. Segundo Pessotti na era cristã o tratamento era conforme as concepções de caridade ou castigo que predominavam na comunidade em que o deficiente encontrava-se inserido (apud, MIRANDA, p.2, in: www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis_15/art_1_15.pdf)

Miranda em seu artigo História, Deficiência e Educação especial discorre que nos séculos XVIII e meados do século XIX, encontra-se a fase de intitucionalização, na qual eram segregados e protegidos em instituições residenciais. Ao final do século XIX e meados do século XX dá-se o desenvolvimento de escolas e/ou classes especiais em escolas públicas, com objetivo de oferecer à pessoa deficiente uma educação a parte. No final do século XX, por volta da década de 70, ocorre o movimento de integração social, visando integrá-los em ambientes escolares, o mais próximo possível daqueles oferecido a pessoa normal.

Graças a grandes estudiosos, educadores e médicos, como Jean Marc Itard (1774-1838) e Edward Seguin (1812-1880) com suas contribuições inestimáveis, tornou-se possível a evolução da educação especial. Maria Montessori (1870-1956) foi outra importante educadora que contribuiu muito no processo acima citado.

Pode-se observar que na maior parte da história da humanidade o deficiente foi vítima de segregação, de rejeição e de abandono. As mais variadas nomenclaturas já foram utilizadas para identificá-lo, por exemplo: mongolóide, excepcional, débil, retardado, atrasado, deficiente mental, entre tantos outros, até chegarmos à atual, Deficiente Intelectual.

O deficiente intelectual é amparado pela família e pela sociedade além de poder contar de forma efetiva com o avanço tecnológico e científico. Procurando o pleno desenvolvimento do deficiente conta-se, hoje, com equipes multidisciplinares e a estimulação precoce.

3 ESTIMULAÇÃO PRECOCE E SUA CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DO DI

A estimulação precoce tem como objetivo desenvolver e potencializar as funções do cérebro da criança, beneficiando seu lado intelectual, seu físico e sua afetividade, através de jogos, exercícios, técnicas, atividades, e de outros recursos. Segundo Navarro, “a estimulação precoce é uma ciência baseada principalmente nas neurociências, na pedagogia e nas psicologias cognitiva e evolutiva; é implementada através de programas construídos com a finalidade de favorecer o desenvolvimento integral da criança” (2008, p.5).

Indiscutivelmente, sabe-se que os primeiros anos de vida de uma criança são decisivos.

Graças a estes e outros conhecimentos sobre o desenvolvimento humano, ao avanço tecnológico e às mudanças sociais e culturais é que o paradigma da criança evoluiu nos últimos cem anos: de uma concepção de uma criança-adulta que reage diante de estímulos e cuja personalidade é construída com base em experiências externas para uma criança-criança capaz de modificar seu ambiente e que é o centro de suas próprias experiências e da sua aprendizagem (NAVARRO, 2008, p.4).

Nessa perspectiva, uma criança bem estimulada aproveitará sua capacidade de aprendizagem e de adaptação ao seu meio, de uma forma mais simples, rápida e intensa. Sabe-se que os bebês nascem com um grande potencial e que cabe aos pais e profissionais especializados nessa área, fazerem com que este potencial se desenvolva e se aprimore de forma adequada, positiva e divertida.

Diferente dos animais, os seres humanos são muito dependentes de seus pais desde que nascem. Demoram mais para caminhar e dominar seu ambiente, dependendo das oportunidades, estímulo e conseqüente aprendizagem que lhe é proporcionada. Quando aprende, o cérebro adaptável permite crescer e sobreviver diante das situações desafiadoras e mais adversas.

A estimulação precoce une a adaptabilidade do cérebro à capacidade de aprendizagem, sendo uma forma de orientação do potencial e das capacidades da criança. Quando estimulada, surge um leque de oportunidades e de experiências que a fará explorar, adquirir destreza e habilidades de uma forma mais natural, e entender o que ocorre ao seu redor. Além disso, hoje conta-se com um grande passo científico, a descoberta da neuroplasticidade, ou seja, a capacidade dos neurônios se regenerarem diante de estímulos funcionais.

“A aprendizagem modifica o sistema nervoso central, e isso nos faz pensar em plasticidade cerebral que é um processo adaptativo dando ao indivíduo possibilidades de

aprender, mesmo frente às novas situações ambientais” (ROTTA, 2007, apud LUDOVICO S/D).

A neuroplasticidade torna possível, mesmo quando existem lesões, que o processo cognitivo ocorra. Aliando-se repetições significativas para o aprendizado, a plasticidade cerebral e a estimulação adequada, consegue-se efetivar o ato de aprender.

Até então, acreditava-se que uma vez perdendo sua funcionalidade, seria impossível voltar a exercer qualquer função. Ou seja, uma criança que sofresse uma lesão, a qual viesse afetar sua linguagem, por exemplo, devido a um acidente ou doença, jamais teria condições de falar novamente. Graças a incansáveis estudos e a tecnologia já se pode contar com a possível reversibilidade de muitos casos.

Atualmente quando se fala sobre neuroplasticidade e aprendizagem, sabe-se que existe um potencial intrínseco para a regeneração de neurônios do sistema nervoso central e, também, do sistema nervoso periférico. Existem fatores que estimulam e inibem o crescimento de axônios, ambos presentes em todo o sistema nervoso. Importante ressaltar-se que, o aumento das substâncias excitatórias, bem como a diminuição das inibitórias, tem melhorado de forma significativa a regeneração de nervos periféricos, aumentando a perspectiva de que, cada vez mais, será possível a interferência terapêutica na regeneração neural.

Entretanto, deve-se salientar que cada indivíduo tem uma maneira própria de aprender, haja lesão cerebral ou não. Por mais que o terapeuta, os pais ou o professor desejem que a criança atinga o máximo de seu potencial, são suas condições gerais (fisiológicas, emocionais, neuroanatômicas e cognitivas) é que irão decidir de forma conclusiva os caminhos a serem trilhados clinicamente e, conseqüentemente, no campo estimulatório. A neuroplasticidade traz infinitas e novas possibilidades no campo da reabilitação.

3.1 QUANDO ESTIMULAR UM BEBÊ

A estimulação precoce é uma possibilidade a todos os seres humanos. Ao iniciá-la, vale ressaltar que o quanto antes esse processo for iniciado maiores e melhores os resultados. Segundo os especialistas, a flexibilidade do cérebro vai diminuindo com a idade. Desde o nascimento até os 3 anos de idade, o desenvolvimento neuronal dos bebês alcança seu nível máximo. A partir daí, continuarão aprendendo, mas não ao mesmo ritmo e com todo o potencial de antes.

Todos os bebês experimentarão diferentes etapas de desenvolvimento que podem ser incrementadas com uma estimulação precoce. Para isso, deve-se reconhecer e motivar o potencial de cada criança individualmente, e apresentar-lhe situações desafiadoras adequadas ao fortalecimento de sua autoestima, iniciativa e aprendizagem. A estimulação que o bebê recebe nos seus primeiros anos de vida, constituem a base do seu desenvolvimento futuro. Além dessas oportunidades, o ambiente é uma ferramenta significativa na construção do vínculo afetivo, de suas habilidades e destrezas.

Nesse contexto, Jerusalinsky (2003) destaca inúmeras pesquisas neurológicas que comprovam a importância de um ambiente estimulante para a maturação cerebral. Uma vez que a criança encontra-se num estágio de maturação neurofisiológica, sua adaptabilidade dar-se-á de acordo com o grau de estimulações recebidas externamente. No referente a esta, dá-se ênfase para o ambiente familiar local em que receberá as primeiras estimulações através de brincadeiras que a desenvolverão no quesito neuropsicomotricidade, numa relação de troca de estímulos e respostas.

Destaca-se, nesse processo também, a atuação de uma equipe multidisciplinar. A qual deverá ser parceira da família para que se desenvolva um trabalho integrado, que possa orientar os familiares, dando-lhes um efetivo suporte. E propiciando assim, que a criança seja compreendida como um todo, até mesmo em seus aspectos psicológicos.

Portanto, o ambiente tranquilo e cheio de afetividade, onde se respira a tolerância, o respeito, o amor, a compreensão e a união fazem com que a criança se sinta amada, segura e por consequência, toda a estimulação a ela oferecida será completa e recompensadora.

3.2 POSSIBILIDADES DE ESTRATÉGIAS PARA O DI

O processo de Estimulação Precoce e a Estimulação Essencial, segundo Araújo e Souza tem por objetivo atender bebês de risco e/ ou crianças com distúrbios genéticos ou adquiridos, para que preventivamente, se minimize e se trate de déficits cognitivos e neuropsicomotores. A primeira destina-se a crianças de 0 a 3 anos de idade e a segunda a crianças de 3 a 12 anos de idade (que apresentem ou possam vir a apresentar atrasos ou distúrbios comportamentais).

Após um diagnóstico claro e preciso, no qual se detecta o atraso no desenvolvimento ou que o bebê é de risco, da-se início ao processo estimulatório. Nesse serão estimulados os movimentos normais (rolar, sentar, engatinhar e deambular), bem como, a socialização, a comunicação e a cognição. Nesse sentido, quanto mais precocemente o diagnóstico e a

intervenção, aliada as atividades estimulatórias, maiores e melhores serão os resultados, as conquistas alcançadas. Deve-se ressaltar que tais procedimentos podem proporcionar avanços significativos no quadro da criança.

A estimulação precoce possui várias metas a serem atingidas. Conforme Araújo e Souza (s/d), as principais são:

- Desenvolvimento das capacidades sensório-perceptivas, as quais propiciarão o desenvolvimento de outras áreas comportamentais da criança, refletindo na reação aos estímulos apresentados.
- Propiciar controle e executabilidade de movimentos (postura, equilíbrio, locomoção, coordenação de partes fundamentais do corpo), com a finalidade de satisfazer as necessidades básicas da criança.
- Desenvolver a cognição, por meio do conhecimento do ambiente, e dessa forma estabelecendo relações de causa-efeito, compreensão dos fenômenos de seu meio e a resolução de problemas do cotidiano.
- Desenvolvimento de habilidades sócio-emocionais que lhe propiciem a comunicação (oral e gestual).
- Aquisição de hábitos básicos nos cuidados de si mesma, através de recursos próprios e aqueles que o meio disponibiliza.
- Estimular a aquisição de experiências e informações que a integrem no ambiente sócio-cultural.
- Motivação e orientação aos pais e demais participantes da família, por se tratar dos principais agentes promotores de estimulação junto à criança, particularmente em casa.

Assim como existem metas a serem atingidas, as estratégias de estimulação precoce visam facilitar a execução dos currículos e o desenvolvimento das potencialidades das crianças. E para tal deve-se, através da execução das mesmas, garantir-lhes:

- A representação de entretenimentos e jogos que promovam a motivação e interesse da criança a participar de forma ativa;
- Conter elementos de diferenciação que possam prender a atenção da criança durante o processo;
- Possibilitar a estimulação das áreas mais comprometidas da criança, utilizando-se das mais desenvolvidas a fim de tornar a intervenção mais completa possível;

- .Eliminação de fatores inibitórios que possam bloquear a estimulação programada.

Percebe-se dessa maneira o quanto importante são as atividades de estimulação e que acima de tudo devem contemplar todas as áreas: cognitiva, físico-motor, linguagem, afetivo-emocional e social. Tudo isso para que a criança tenha a possibilidade, de ter garantido um direito inegável, o seu pleno desenvolvimento.

4 A FAMÍLIA DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA E SUA PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO DE ESTIMULAÇÃO PRECOCE

A família, sem dúvida alguma, é a viga mestre no processo evolutivo de qualquer ser humano. Independente de sua estruturação é o palco onde se vive as emoções mais intensas e marcantes da experiência humana, tais como: amor e ódio, alegria e tristeza, desespero e esperança, morte e nascimento. Quando se fala neste, presume-se que ele virá e transcorrerá da forma mais natural e normal possível. Porém, nem sempre é assim. Tal qual uma viagem planejada em seus mínimos detalhes, marcado o dia e a hora, a cidade de desembarque, e o país tão sonhado a ser conhecido. E de repente, alguém informa que por motivos desconhecidos, o desembarque não será onde foi planejado. E então, a surpresa, e a mudança nos planos são extremamente inevitáveis.

É exatamente assim que ocorre, a família não espera uma criança deficiente. O choque, a surpresa, a culpabilização, a revolta pessoal, as lamentações, tudo isso podem gerar um conjunto de atitudes afetivas que irão envolver a todos de forma muito radical e negativa. E é por esse motivo, que todos familiares devem receber um apoio psicoterapêutico. Para que todas as atitudes afetivas negativas possam ser transformadas em positivas e abertas, proporcionando à criança um envolvimento afetivo e emocional equilibrado.

É nessa perspectiva que a ação dos pais, tão imprescindível e significativa, deve ocorrer desde os primeiros momentos da vida:

A depressão, o isolamento, a culpabilização e a autocrítica desesperada arrefecem e inibem as atitudes de abertura e aceitação de que a criança deficiente precisa para o seu desenvolvimento. O protecionismo deve dar lugar às funções de independência. A desorganização da rotina familiar tem de dar lugar um sentido de vida mais significativo e realizador. A insatisfação com os serviços tem de dar lugar à confiança nos serviços médicosociais e escolares (FONSECA, 1995, p. 213).

Os pais devem ser envolvidos na intervenção com seus filhos deficientes. Quer seja uma deficiência física, cognitiva, visual, permanente ou não. Não apenas os educadores ou os profissionais da saúde, o envolvimento dos pais é essencial. Pois, são esses os primeiros a criar estimulações e as mais variadas condições de aprendizagem básica. É de suma importância a participação da família e conseqüentemente, o amor, a esperança, a incansável dedicação a esse ser tão especial. Indispensável, também o apoio dos centros de saúde. Pois, os pais terão de ser preparados para os problemas de higiene corporal, de disciplina, de insegurança, de estimulação, de mobilidade e de aprendizagem.

É através da família que temos acesso ao mundo, as informações complexas onde se processam interações que possibilitam ou não desenvolvimento saudável de seus componentes. É essa quem deve promover uma melhor qualidade de vida e efetivar a inclusão na sociedade na qual está inserida.

Segundo Buscaglia (1997), há fortes indícios de casos em que a participação efetiva da família no processo de intervenção precoce, propiciou melhoras significativas. Pois, à medida que, espaços são abertos a participação dos familiares no tratamento, através de orientações claras e compreensíveis, os membros da mesma sentem-se agentes responsáveis pelos avanços da criança.

A aproximação da criança com a família, na execução das atividades estimulatórias são imprescindíveis, pelo vínculo que possuem. Além disso, dentro das instituições a família conta como apoio de vários especialistas, tais como: o pedagogo, o fonoaudiólogo, o terapeuta ocupacional e o psicólogo, enfim uma equipe multidisciplinar para orientá-la e desenvolver um trabalho integrado.

Ao observarmos atentamente, ao longo do tempo, percebemos a transformação sofrida por esse importante eixo. Um tempo não muito distante, onde as crianças com deficiência eram banidas, excluídas e por fim eliminadas por aqueles que deveriam acolher, proteger e educar. E isso por influência social e cultural. Onde o que, ou aquele que não estivesse dentro dos padrões exigidos era fadado à eliminação.

Hoje, respiram-se outros ares. Estamos na era em que a máxima é a inclusão. O amor, o respeito ao outro, a diversidade e os direitos se fazem valer. Fazendo com que sejam conferidas ao deficiente as mesmas condições de realização e aprendizagem sócio-cultural, independente de suas condições, limitações ou dificuldades que venham a se manifestar.

O direito à igualdade de oportunidades educacionais é o resultado de uma luta histórica dos “militantes” dos direitos humanos, luta que implica a obrigatoriedade de o Estado garantir gratuitamente unidades de ensino para todas as crianças (quer sejam ou não deficientes). O deficiente pode não ver, mas não tem dificuldades em orientar-se ou em fazer música. Não ouve, mas escreve poesia. Não aprende matérias escolares, mas pode ser excepcional numa atividade profissional ou num desporto (FONSECA, 1995, p.9).

E nesse contexto, cabe aos pais a criação de experiências de vida que garantam a estimulação adequada e a maximização do ajustamento social da criança, em prol de um desenvolvimento pleno tanto cognitivo, afetivo e emocional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estimulação precoce é fator essencial na vida de crianças com Deficiência intelectual. Pois, através do processo estimulatório pode-se fazer com que as crianças evoluam em suas aprendizagens e conquistem sua autonomia. E nesse contexto, a intervenção familiar é imprescindível. A família é o eixo, a referência para criança com DI. Sua evolução, suas conquistas depende muito de como a família trilhará esse longo caminho a ser percorrido. Pois, sem dúvida alguma, o apoio, a orientação, a acitação familiar é vital para a criança e sem esse suporte tudo é duplicadamente complicado, quase impossível.

Quando a mesma não consegue aceitar a fatalidade, não reage de forma a ajudar, a tentar fazer com que o inevitável tenha uma melhora significativa, faz com que se crie um contexto impotente. Pois, a criança fica por conta da própria sorte. A escola, a comunidade, a sociedade não consegue intervir. E assim sendo, processos são agravados, ao passo que se houvesse uma intervenção precoce, muito se conseguiria evitar. Por exemplo, uma criança que nasce com síndrome de Down, terá de ter um cuidado reobrado, desde os primeiros momentos de vida, devido às implicações da deficiência. Ela, provalvemente, terá em seu desenvolvimento muitos entraves e sem a parceria familiar serão acentuados. Não quer dizer que ela não se desenvolverá, possivelmente sim, com mais dificuldades, com mais lentidão, entretanto, se desenvolverá. Em contrapartida, outra com deficiências múltiplas exigirá cuidados e atenção triplicados. A dependência desta é total e absoluta, necessitando da família em tempo integral. Sua alimentação, sua higienização, sua locomoção dependerá de auxílio. Enfim, o papel da família é insubstituível e indispensável.

Sem sombra de dúvida, a intervenção e acompanhamento feitos corretamente, a família dando total arrimo e a sociedade se solidarizando e contribuindo para que a criança

com deficiência cresça e seja amparada, teremos cidadãos atuantes e plenamente felizes. E isso, se pode facilmente ser constatado. Hoje temos jovens com síndrome de Down que se tornaram excelentes escritores, como é o caso do Gaúcho Vinícius Ergang Streda, (recorde de vendas com o livro Nunca Deixe de Sonhar). Outros, deficientes físicos e que se tornaram excepcionais atletas (nadadores, jogadores de basquetebol, de voleybol,) que brilham dentro e fora das quadras e também das piscinas, como tem ocorrido nos Jogos Parapan-americanos, mais recentemente em Guadalajara (México). Onde muitos brasileiros tem se destacado, como Daniel Dias, que deixa o Brasil na condição de insuperável na natação com seu 11º ouro.

Há também os que nada possuíam, em termos de deficiência física, como é o caso do ex- big brother e modelo Fernando Fernandes e que após um grave acidente, se tornou paraplégico. E encontrou no esporte motivo para continuar vivendo e levando esperança aqueles que já a perderam.

A deficiência é nada mais, nada menos que uma diferenciação e não é fator determinante para que a aprendizagem não se efetue. Essa por sua vez, depende sim, de ambientes enriquecedores e de estímulos significativos. Pois, mesmo havendo lesões a nível cerebral, existe possibilidade de se construir conhecimentos, de se realizar aprendizagem. O cérebro é um sistema funcional e é capaz de receber, armazenar, programar, realizar e auto-regular funções em diferentes áreas funcionais. Portanto, a aprendizagem é função do cérebro. Fato é que, aí está a neuroplasticidade para desmistificar o fato de que uma vez perdendo sua função um neurônio jamais voltaria ter funcionalidade.

Com certeza, neuroplasticidade, estimulação adequada, ambiente rico e família bem orientada, são fatores essenciais que farão toda diferença no desenvolvimento e no aprendizado da criança com deficiência intelectual.

Esse conjunto contribui de forma ímpar para que a criança venha atingir e receber um direito que lhe é inegável. O direito de lhe ser conferido às mesmas condições de desenvolvimento e aprendizagem, o direito de igualdade de oportunidades educacionais. Toda a criança quer com limitações ou não, tem direito a brincar, a interagir, participar de atividades recreativas que venham colaborar para seu pleno desenvolvimento. Vale ressaltar a Declaração Universal do Direito da Criança ONU (20/11/1959):

[...] A criança deve ter todas as possibilidades de entregar-se aos jogos e as atividades recreativas, que devem ser orientadas para os fins visados pela educação; a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer o gozo deste direito (Almeida, 2010, p.14).

E ainda, segundo a Associação Internacional pelo Direito da Criança Brincar IPA 1979(Malta), 1982(Viena), 1989(Barcelona), “brincar faz parte do processo de formação

educativa do ser humano, é essencial para saúde física e mental das crianças” (Almeida, 2010, p.14).

Torna-se evidente que é imperativo que as mesmas tenham riqueza e diversidade nas experiências que lhe são oferecidas, tanto nas instituições escolares, como no seio familiar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. **Brincar Cooperativo: Vivências lúdicas de jogos não competitivos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais: um desafio do aconselhamento** 3ª ed. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1997.

FONSECA, V. **Educação Especial**. 2ª edição, POA, Artmed, 1995.

JERUSALINSKY, J. **Temporalidade e clínica com bebês: uma abordagem da clínica de estimulação precoce a partir do corte epistemológico da psicanálise**. Dissertação de Mestrado PUCSP, 2003.

LUDOVICO, J. **Fono, Educação e Psicopedagogia**. Transtorno de Aprendizagem e Neuroplasticidade. Disponível em: josifono.blogspot.com/p/transtorno-de-aprendizagem-e_18.html. Acesso em 28/11/2011.

MIRANDA, A. **História, Deficiência e Educação Especial**. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis15/art1_15.pdf. Acesso em 13/10/2011.

NAVARRO, A. **ESTIMULAÇÃO PRECOCE**. Inteligência Emocional e Cognitiva. Vol.1, vol2, vol.3. São Paulo: Grupo Cultural, 2008.

ZABALA, A; ARNAU, L. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.